

JUAN Y LA MÁQUINA DEL TIEMPO: EN LA CONSTRUCCIÓN DE LO FRATERO

JUAN E A MÁQUINA DO TEMPO: NA
CONSTRUÇÃO DO FRATERO

JOHN AND THE TIME MACHINE: IN THE
FRATERNAL CONSTRUCTION*

Regina Tagliabue G
Asociación Peruana de Psicoterapia Psicoanalítica
de Niños y Adolescentes
ORCID: 0000-0002-2254-5517
Correo electrónico: tagliabue.ry@gmail.com

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Tagliabue G R. (2023) JUAN Y LA MÁQUINA DEL TIEMPO: EN LA CONSTRUCCIÓN DE LO FRATERO
Intercambio Psicoanalítico 14 (2), DOI: DOI.ORG/10.60139/INTERPSIC/14.2. 5/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

JUAN E A MÁQUINA DO TEMPO: NA CONSTRUÇÃO DO FRATERNAL

Regina Tagliabue G¹

1Regina Tagliabue é Psicóloga Clínica e Psicoterapeuta Psicanalítica de Crianças e Adolescentes. Mestre em Estudos Teóricos em Psicanálise. Doutoranda em Estudos Psicanalíticos pela Pontifícia Universidade Católica do Peru - PUCP. Graduado em Fundamentos e Práxis pela Clínica Psicanalítica de Winnicott pela Univ. Diego Portales. UDP-Chile. Graduada pelo Centro de Psicoterapia Psicanalítica de Lima - CPPL. Ex-presidente da Associação Peruana de Psicoterapia Psicanalítica de Crianças e Adolescentes (APPPNA). Membro da Associação de Psicoterapia Psicanalítica-ADPP. Coordenadora e supervisora do estágio no Centro de Psicoterapia Psicanalítica de Lima-CPPL. Professor do Instituto Psicanalítico Interdisciplinar-IPI. Professor de Psicologia da Universidade Peruana de Ciências Aplicadas UPC. Professor da Escola de Pós-Graduação da Universidade Continental.

“Juan construiu uma máquina do tempo, pegou três dos seus porquinhos e deixou-os abandonados (...) Juan os havia levado para o passado”. (Diego, 8 a. 8m.)

Este trabalho tenta explicar uma das formas pelas quais uma criança em idade de latência vivencia a chegada do seu primeiro irmão. A reflexão é baseada em histórias elaboradas por Diego, utilizando algumas fotos da prova Pata Negra como estímulo desencadeador. Diego foi uma das crianças que participou de uma investigação sobre o nascimento do primeiro irmão. Diego tinha 8 anos e 8 meses e era filho único há 8 anos, até nascer seu irmão, quem no momento da investigação tinha 8 meses de nascido.

Diego conta a história de um porquinho chamado Juan. Ele começa sua história contando que Juan era um porquinho solteiro e um dia ele e seu amigo estavam procurando uma namorada e não encontravam. Procuraram uma porquinha que ambos gostassem e começaram a discutir sobre quem ela escolheria entre os dois. Ele conta que cada um ficou o mais bonito que pôde e fizeram uma aposta e concordaram em fazer uma corrida em que enfrentariam muitos obstáculos. O ganhador ficaria com a porquinha. Juan ia ganhando, mas o outro porquinho o ultrapassou trapaceando. A porquinha descobriu a armadilha do amigo e escolheu a Juan. A porquinha e Juan se apaixonam e ela fica grávida. A partir daí Juan não podia dormir e quando a porquinha deu à luz sua insônia piorou. Juan começou a acreditar que a porquinha amava mais os porquinhos bebês que a ele. Como não pôde suportar esta situação, ocorreu-lhe criar uma *máquina do tempo* que lhes permitissem voltar ao passado e recomeçar a corrida com seu amigo. Seu objetivo era que, dessa segunda vez, chegassem empatados, a porquinha ficaria sozinha e *“já não teria filhos”*. O amigo ganhou, mas Juan também não queria que a porquinha ficasse com o amigo, pois queria a porquinha somente para ele. Então, volta a programar a máquina do tempo e ele ganha a corrida e se casa com a porquinha. Novamente ela engravida e nascem quatro porquinhos. Ele volta diversas vezes ao passado para reverter a situação, tentando que a porquinha não ficasse grávida, mas terminava tendo bebês. Como não tolerava a realidade, decide colocar os porquinhos na máquina do tempo para levá-los ao passado e *“abandoná-los lá”*. Mas ao fazer isso um dos porquinhos escapou ficando com a mãe porquinha. Este porquinho procurou por muito tempo a seus irmãos sem encontrá-los, também não se lembrava da máquina do tempo que seu pai Juan construiu. O porquinho bebê continuava procurando por eles porque se sentia culpado, até que os encontrou perto de um rio e os trouxe de volta. Juan aceita a presença dos porquinhos, embora quando todos os irmãozinhos estavam juntos começavam a brigar porque não era fácil para eles combinarem nos jogos.

O lugar do irmão

As relações fraternas, com particularidades diferentes daquelas estabelecidas entre pais e filhos, ocupam um lugar destacado na vida das pessoas, deixando marcas fortes na constituição do psiquismo (Brusset, 1987). Depois da relação com os pais, a relação entre irmãos são, muitas vezes, as únicas permanentes, mais sustentadas e contínuas que aquelas estabelecidas com outros pares específicos. Embora a experiência entre irmãos não seja um requisito indispensável para a implementação do potencial de desenvolvimento de uma criança, oferece oportunidades de enriquecimento e aquisição de habilidades para o intercâmbio social e o desenvolvimento progressivo, proporcionando experiências que permitem aprender a regular e potenciar os estados psicológicos (Provence e Solnit, 1983).

Tem havido uma tendência a conceituar o papel do irmão como um substituto parental, a partir do deslocamento do conflito edipiano ou como uma relação marcada pelo conflito -ciúmes, ódios e rivalidade- sendo visões que bloqueiam a compreensão de como o irmão participa nos processos de desenvolvimento criativo, nas representações de vínculos mais complexas e está ligado ao desdobramento dos investimentos libidinais e agressivos presentes no jogo da trama horizontal.

Alguns teóricos psicanalíticos (Brusset, 1987; Kaës, 2008; Kancyper, 2003; Lacan, 1938; Laplanche e Pontalis, 1971) incorporaram a noção de Complexo Fraternal, conferindo-lhe uma função estruturante e um caráter fundador na formação da vida anímica do indivíduo, dos povos e da cultura que participa na estruturação das dimensões intrasubjetivas e intersubjetivas, na constituição do superego, do eu ideal e da escolha do objeto amoroso. Da mesma forma, sustentam que o Complexo Fraternal e o Complexo de Édipo estão ligados e integrados como dois eixos fundamentais na estruturação da psique e, além disso, pode ser concebido como um pivô (Moguillansky, 2004) que permite compreender melhor as inter-relações que ocorrem entre o Narcisismo e o Complexo de Édipo. O *eixo vertical* é colocado pelo Complexo de Édipo, unindo a sexualidade e a diferença geracional, e o *eixo horizontal* é dado pelo complexo fraternal, que permite expressar as formas de amor e de ódio em relação ao semelhante vivenciado como intruso.

Nas histórias criadas por Diego, o deslocamento da rivalidade e da competição fraterna pode ser apreciado na figura de dois porquinhos amigos, que competem pelo amor de um mesmo objeto, a namorada porquinha; que, ao escolher um, o outro é excluído: *“Um dia o porquinho Juan estava procurando uma namorada com seu amigo [...] uma porquinha que os dois gostavam. Então, discutiam quem seria escolhido [...] cada um ficou o mais bonito que pôde para que a porquinha pudesse escolher. A porquinha disse [...] não, você trapaceou, vou ficar com o outro”*.

As relações entre irmãos podem ter um impacto na vida psíquica e influenciar profundamente nos traços de carácter, assim como na escolha do objeto amoroso (Kaës, 2008; Neubauer, 1983; Parens, 1988). As diversas experiências entre irmãos contribuem (Solnit, 1983) para o desenvolvimento da capacidade de confrontar, resolver obstáculos, conflitos intrapsíquicos, interpessoais e de desenvolvimento, promovendo assim uma relação saudável e duradoura. O que torna possível, sobretudo, quando predominam as relações positivas entre pais e filhos e entre os mesmos pais.

Freud (1916) já sustentava que não existia quarto de crianças sem conflitos entre seus habitantes; relação que, muitas vezes, pode ser processada beneficemente no futuro: *“Muitos adultos que hoje se apegam ternamente a seus irmãos e irmãs, e os ajudam, viveram na sua infância uma hostilidade quase ininterrupta com eles”* (Freud, 1900, p.260).

Diego e o nascimento do seu primeiro irmão e o “complexo de intruso”.

Na entrevista com os pais, a mãe de Diego comentou que seu filho tinha um forte apego a ela e que tinha se acostumado a dormir no quarto dos pais até pouco tempo antes do nascimento do irmão. Ambos os pais o caracterizam como uma criança diligente, preocupada, organizada e responsável; muito empático e carinhoso com os outros. Ocorrem dois acontecimentos que estão interligados: o pai começa a viajar a trabalho, ficando longos períodos de tempo ausente, ao mesmo tempo Diego fica sabendo, por acaso, da chegada do seu primeiro irmão. Um dia a mãe lhe disse que ia ao médico e que ela teria que ficar vários dias internada, pois havia risco de perda. A mãe relata: *“Ele não sabia, mas quando nos sentamos para conversar e contamos a ele, -depois que ele saiu do hospital- ele nos falou que já sabia que ela estava grávida e que queria um irmão homem”. Depois, quando nasce o irmão, comenta a mãe, “no colégio ele conta a todos os seus amigos que seu irmãozinho era grande. Lá falava o dia todo do irmãozinho, mas em casa, ele negava [...] ‘ agora compram tudo para ele e para mim não compram nada’, ‘ é que agora passa muito tempo com meu irmãozinho e comigo nada. Você já não me fala que me ama, já não me fala que me quer’. E nós pensávamos que esse sofrimento tinha que passar, mas vemos que está se tornando crônico”*.

O carácter de Diego mudou, se tornou rebelde e questionador. O pai comenta que quando chega algum familiar para visitá-los, eles cumprimentam Diego, mas em seguida toda a atenção se volta para o bebê e ele pensa que isso *“foi um duro golpe para Diego”*.

As observações clínicas fornecidas por Freud e Lacan concentram-se no chamado *“complexo do intruso”*. O irmão pode chegar a ser percebido como um usurpador todo-poderoso, onde seu aparecimento o coloca na posição de um irmão *“rival”*, confrontando-o e infligindo-lhe uma ferida narcísica. Freud destacou a queda narcísica e o impacto traumático que advém da chegada ao mundo de um irmão ou irmã. A criança deixa de ser o centro do mundo, se sente invadida pelo ciúme e pelo ódio por esse *“intruso”* com quem compete pela posição que acredita ter no amor dos seus pais, especialmente da mãe. Perspectiva em que esse outro *“chamado irmão”* é integrado a partir do conflito, onde *“Aquele, ainda filho ou filha única, por um tempo, ou seja, o primogênito que vê aquele outro surgir no seu universo e depois o integra a ele de maneira conflituosa [...] nesta hostilidade primitiva”* (Freud, 1916-1917, p.304).

Diego, assim como projeta em suas histórias, sente que toda a atenção está voltada para o irmão bebê, quando ele deseja seguir mantendo o olhar exclusivo da mãe. Ele reclama da atenção que o novo bebê recebe, sentindo-se deslocado porque a ele já não diz que o ama. No entanto, a mãe relata que, quando está com o irmãozinho sua atitude é diferente: *“Diego olha para seu irmão e seu irmão está jaja ja ji jiji. É super amoroso com o irmão. É muito meigo, demonstrativo de carinho. No dia, pode ser que não se despida de mim, mas sim se despede dele”*

O irmão e a ativação da pulsão de saber: “De onde vêm as crianças?”

A chegada ao mundo de um irmão ou uma irmã serve de incentivo à curiosidade infantil, sendo esse recém-chegado desejável e indesejável aquele que provoca o encontro traumático com um semelhante- diferente e que desperta a pulsão de saber de onde vêm as crianças? pergunta que aponta para o caráter fraterno: De onde vem meu irmão? De onde vem esse intruso não esperado, cuja presença me faz sentir que perco a exclusividade? Chegada que é vivida como perigosa, na competição pelo amor dos pais, especialmente da mãe. Querer saber como é que posso voltar a esse intruso pode levar a criança a uma busca criativa onde o sujeito inconsciente investiga indutivamente (Assoun, 1998). Mas, também, o nascimento de um irmão o conecta com a possibilidade de se perguntar sobre sua própria origem.

Com a observação do “Pequeno Hans” (1909), Freud aponta como, a partir da chegada da sua irmã, a criança vai construindo algumas teorias sexuais infantis que respondem a um desejo de pesquisa e à sua própria curiosidade sexual, e o incita a um trabalho mental que estimula a pulsão de saber na criança “destronada”. Kaës (1994) sustenta que o irmão não é somente um semelhante, que pode representar uma possibilidade de ameaça, mas é também aquele que reativa o pensamento e o chama de *co-pensador*. Acrescenta que o pensamento não é possível sem a presença de outro(s) pensante(s), porque o pensamento surge na relação intersubjetiva. Da mesma forma, o irmão, além de ser uma fonte de diversão, permite proporcionar oportunidades enriquecedoras para a elaboração da fantasia e do jogo mútuo, assim como para se estimularem mutuamente, aprendendo e ensinando (Ritvo, 1967).

Diego cria “a máquina do tempo” como um ato mágico contra o perturbador intruso.

Juliet Mitchell (2003) argumenta que a chegada do irmão provoca ansiedade de aniquilação na qual o irmão mais velho percebe que ele ou ela já não são únicos, mas que “*alguém está no lugar onde ele estava antes*” dando um golpe narcisista profundo, mais primitivo do que a ansiedade de castração.

Com a chegada do irmão, Diego deseja voltar a ser filho único e parar na primeira cena familiar idealizada com a mãe, o pai e o filho: “*O porquinho sonhou que a mãe ia dar à luz mais porquinhos. Isso foi um sonho, mas foi como um pesadelo maior porque ele não queria. Quando se levantou todos voltaram a ser uma família tranquila*”

Diante do impacto da realidade, a chegada do irmão é sentida por Diego como uma ameaça de perda da exclusividade e do amor da mãe. Surgem fantasias de fazer desaparecer o irmão e que assumem a forma de um desejo de morte, e Freud o chama de “*ato mágico contra o intruso perturbador*” (1917).

Diego imagina a história do porquinho Juan, que, sentindo-se excluído pela chegada dos bebês porquinhos, inventou uma máquina do tempo para “devolvê-los” ao passado. Representam o *filho-irmão* que chegam para “roubar” o amor da *esposa-mãe*. Na primeira parte da história, o pai, com quem Diego se identifica, representa o excluído, e ao voltar ao passado na “máquina do tempo”, imagina que irá reconquistar o amor da mãe: “[...] *quando ela deu à luz, Juan não conseguia dormir [...] a porquinha teve porquinhos e os amava mais do que a ele [...] queria construir algo para voltar a conquistar à porquinha [...] começou a construir a máquina do tempo, como umas dez mil vezes, mas acontecia sempre a mesma coisa e Juan já não aguentava que a porquinha quisesse mais a seus filhos que a ele*”.

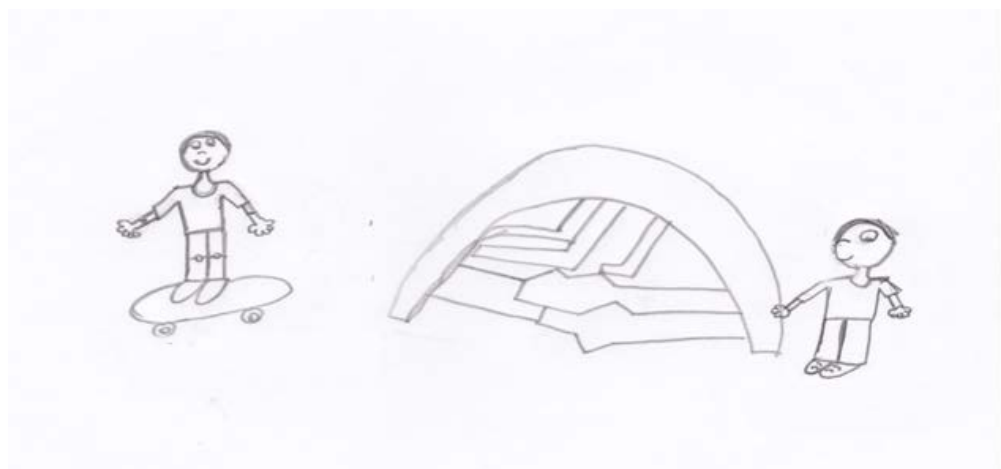
Diego estava vivenciando a chegada do irmão como ameaçante, sentindo que a presença do novo bebê o distanciava da sua mãe. O aparecimento prematuro do irmão o desestabiliza empurrando-o para um saber criativo. Assoun (1998) sustenta que é o irmão quem abre o caminho do conhecimento empírico e faz nascer no irmão mais velho um conhecimento e desenvolve seu “espírito de investigador”. A pulsão de saber [*Wissensdrang*] surge nas crianças sob o aguilhão das pulsões egoístas com a chegada de um novo irmão, personagem estranho que aparece de repente à porta e reclama um lugar, alguém que não era esperado, mas com quem a partir de agora devemos contar.

Na história imaginada por Diego, diante da imposição da realidade onde os irmãos chegaram para ficar, ele ativa sua “máquina do tempo” tentando reverter o acontecimento indesejado e fazer desaparecer os porquinhos representantes do perturbador intruso, “[...] *deixando os porquinhos abandonados [...] no passado*”, negando assim a dolorosa realidade que tem que aprender a aceitar. Diego, ao ver ameaçada sua “propriedade privada” como irmão mais velho, abre o pensamento criativo inventando a “máquina do tempo” e investiga sobre o voltar ao tempo passado e ir à origem, querendo prevenir o acontecimento indesejado. A presença do irmão se impõe como uma realidade e ficará marcada como experiência que se instalará no psiquismo, colocando-se a partir de uma relação ambivalente, ou seja, para entrincheirar-se no conflito marcado pelo ódio, inveja e rivalidade.

Em suas narrativas, a porquinha fica somente com um bebê, podendo estar representando-o em seu desejo de permanecer único. “[...] *a porquinha só ficou com um porquinho [...] quando a mãe se virou, viu que Juan estava levando os outros*”.

Surgem sentimentos de culpa diante do seu desejo de desaparecer com os irmãos, mas, também, aparecem sentimentos ambivalentes. “*Ele se sentia mal, porque ele amava muito seus irmãos [...] mas igual não os tinha encontrado e também não lembrava da máquina do tempo que seu pai Juan tinha construído*”. Na história contada por Diego, o porquinho que fica se sentia mal ao se deparar com o desejo de querer que seus irmãos desaparecessem. Os irmãos voltam para ficar e agora juntos competem, brigam e se amam. Essas são as nuances do encontro fraterno: “[...] *Juan voltou com os irmãos [...] eles começaram a brigar, embora se amassem, começavam a brigar. Porque brincavam, mas um queria procurar, e o outro não queria contar.*”

Agora Diego aceita a presença do irmão, posicionando-se como o irmão mais velho. *“Ele sente-se bem por ter tido um irmão, porque agora é o irmão mais velho.”* A partir deste lugar, precisa fazer o luto para reestruturar seu espaço interno e poder dar espaço a este outro semelhante, mas diferente, chamado **irmão**. Kieffer (2008), afirma que a mãe tem um papel importante nesse processamento do agora “filho mais velho” e sustenta que a aceitação é processada quando se torna possível que ambos os filhos consigam ter um lugar próprio e diferenciado na mente da mãe.



Referencias:

Assoun, P. (1998). *Lecciones psicoanalíticas sobre hermanos y hermanas*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión.

Kaës, R. (2008). *Le complexe fraternal*. Paris: Dunod.

Kancyper, L. (2004). *El complejo fraterno: Estudio psicoanalítico*. Argentina: Grupo Editorial Lumen.

Kieffer, C.C. (2008). *On Siblings: Mutual Regulation and Mutual Recognition*. En: Ann. Psychoanal., 36:161-173.

Kris, M. y Ritvo, Samuel (1983). *Parents and Siblings – Their Mutual Influences*. En: Psychoanalytic Study of the Child. 38: 311-324.

Mitchell, J. (2006). *Siblings Relationships*. London: Karnac Books.

Provence, S. y Solnit, A. (1983). *Development-Promoting Aspects of the Sibling Experience- Vicarious Mastery*. En: Psychoanalytic Study of the Child. 38: 337-351.

Tagliabue, R. (2012) *La experiencia de tener un hermano en niños de ocho a diez años*. Tesis para optar el grado de Magister en Estudios Teóricos en Psicoanálisis. Pontificia Universidad Católica-PUCP. Visto el 1 de noviembre del 2023 en:

https://tesis.pucp.edu.pe/repositorio/bitstream/handle/20.500.12404/1542/TAGLIABUE_GANOZA_REGINA_EXPERIENCIA_HERMANO.pdf?sequence=1&isAllowed=y